

## POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DE OUTRAS LUTAS À CAPOEIRA

RÔMULO MEIRA REIS

Faculdades Integradas Hélio Alonso – FACHA, Rua Muniz Barreto nº 51, Botafogo.  
romulo.reis@facha.edu.br

FELIPE DA SILVA TRIANI

Centro Universitário Gama e Souza – UNIGAMA  
Universidade Estácio de Sá – UNESA  
felipetriani@gmail.com

SILVIO DE CASSIO COSTA TELLES

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Av. Carlos Chagas Filho nº 540, Cidade Universitária.  
Universidade do Rio de Janeiro – UERJ, Rua Francisco Xavier nº 524, Maracanã.  
silviotelles@terra.com.br

### RESUMO

O presente trabalho objetivou examinar quais são as possíveis contribuições de outras lutas à capoeira. Para atingir ao objetivo optamos por utilizar o método da pesquisa bibliográfica empregando fontes consideradas tradicionais tais como: livros, capítulos de livros, artigos, dissertações e teses. Ao revisitarmos a literatura sobre a temática é possível identificar inúmeras produções que demonstram que houve um processo de aculturação no qual outras práticas corporais foram sendo incorporadas às narrativas da capoeira, culminando no seu processo de ressignificação. Logo, não seria equivocado assinalar que embora a capoeira tenha suas próprias características, há indícios de influências de outras lutas à forma pela qual a conhecemos hoje.

**Palavras-chave:** Lutas; Capoeira; Cultura; Influências.

## ABSTRACT

The present work aimed to examine what are the possible contributions of other fights to capoeira. To achieve the objective, we chose to use the bibliographic research method using sources considered traditional such as: books, book chapters, articles, dissertations and theses. When we revisit the literature on the theme, it is possible to identify numerous productions that demonstrate that there was a process of acculturation in which other bodily practices were being incorporated into the capoeira narratives, culminating in their resignification process. Therefore, it would not be wrong to point out that although capoeira has its own characteristics, there are indications of influences from other fights to the way in which we know it today.

**Keywords:** Fights; Capoeira; Culture; Influences.

## INTRODUÇÃO

Sob as condições adversas da marginalização, perseguição e proibição pelo código penal durante a Primeira República, a capoeira no século XX resiste, se adapta e sobrevive tendo como principal característica a emergência dos estilos de Capoeira Angola e Capoeira Regional (ASSUNÇÃO, 2014; IPHAN, 2007).

Por um lado, Mestre Pastinha com a Capoeira Angola revitaliza a chamada capoeira tradicional, amplia a visibilidade do corpo e da cultura negra auxiliando em sua afirmação no Brasil e Américas (ASSUNÇÃO, 2014). Por outro, Mestre Bimba através dos confrontos no ringue com outras lutas desenvolve a Capoeira Regional. Movimentos estes que podem ser considerados no contexto global como similares a modernização das artes marciais que estavam em curso na Europa e Ásia (ASSUNÇÃO, 2014). Desse forma, seus respectivos trabalhos e esforços foram fundamentais para tirar a capoeira do código penal, para sua aceitação na sociedade e para expansão desta como fenômeno sociocultural que conhecemos (IPHAN, 2007; REIS, 1997; SOARES, 1999; VIEIRA, 1995).

No entanto, na criação da capoeira regional existem versões contraditórias, sendo uma delas defensora de que a regional é a mistura da capoeira angola com a batuque (luta do nordeste brasileiro) (LACÉ LOPES, 2002; MANSA E ASSUNÇÃO, 2005; VIEIRA, 1995). Outra, afirma que a regional não possui apenas o batuque em sua constituição, mas sim movimentos de outras lutas (LACÉ LOPES, 2002; MANSA E ASSUNÇÃO, 2005). Nesse contexto, este artigo tem por objetivo examinar quais são as possíveis contribuições de outras lutas à capoeira.

## METODOLOGIA

Para o alcance do objetivo proposto optamos por utilizar o método da pesquisa bibliográfica empregando fontes consideradas tradicionais tais como: livros, capítulos de livros, artigos, dissertações e teses (SÁ-SILVA, ALMEIDA E GUINDANI, 2009). Em seguida, de posse dos dados coletados, organizamos o texto e produzimos as inferências apresentadas na seção análise e discussão dos resultados (SÁ-SILVA, ALMEIDA E GUINDANI, 2009).

## ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### *A versão batuqueira*

Almeida (1994), Campos (2009) e Moura (2016) sustentam a versão de que Mestre Bimba, Manoel dos Reis Machado (1900-1974), criou a Capoeira Regional em meados da década de 1920, misturando a Capoeira Angola exclusivamente com elementos do batuque por acreditar que a capoeira “convencional” não poderia caracterizar-se com força, violência e agilidade para sobressair-se frente as demais lutas que estavam chegando da Europa e Ásia. Buscando assim atribuir maior enfoque a eficiência da capoeira como luta (ASSUNÇÃO, 2014; CAMPOS, 2009; LACÉ LOPES, 2002; RÊGO, 2015; REIS, 1997; VIEIRA, 1995).

Assim disposto, Vieira (1995) aclara que são raras as referências sobre o batuque na literatura. Carneiro (1982) explica que a luta era oriunda da Região Nordeste do Brasil, realizada no dispositivo em roda, ao som berimbaus e outros instrumentos, cujo objetivo era derrubar o adversário com pernadas, rasteiras e joelhadas. Em uma linha de raciocínio semelhante, Vaz (2010) assinala que o batuque é uma luta parecida com a capoeira, que utiliza as pernas para desequilibrar o adversário, realizada com músicas, ritmada por pandeiros e acompanhada por muita violência. Almeida (1994) admite que devido sua violência a luta foi perseguida pela polícia de Salvador, e acabou migrando para interior, talvez isto explique as poucas alusões.

Em termos práticos Bimba na ocasião afirmou que subtraiu dois e acrescentou 15 novos golpes do batuque tais como: banda armada, banda fechada, encruzilhada, rapa, cruze de carreira e baú, a capoeira existente na Bahia (ASSUNÇÃO, 2014; RÊGO, 2015, p. 48). Com isso, podemos identificar golpes similares ou com outras nomenclaturas vistos hoje em dia nas ramificações da chamada capoeira contemporânea como: banda, queda em cruz ou banda. Logo, contribuições passadas que no presente ganharam novos contornos.

#### *A versão com elementos de outras lutas*

Entretanto, existem versões que contradizem a ideia da fusão da Capoeira Angola somente com o batuque (MANSA E ASSUNÇÃO, 2015). Por exemplo, Rêgo (2015, p.48) em entrevista com Mestre Bimba, comprova a confirmação do uso de detalhes da coreografia do maculelê, de outros folguedos e golpes de outras lutas como: greco-romana, jiu-jitsu, judô e a savata (referência ao savate, box francês), que fazem com que a regional alcance um total de 52 golpes. Reis (1997, p.130) também mostra o uso e associação de golpes e defesas de lutas brancas ocidentais e artes marciais asiáticas como o jiu-jitsu e o judô, caracterizando o que a autora denomina por “capoeira mestiça” agravando o movimento de “embranquecimento simbólico e social” da capoeira baiana (REIS, 1997, p.131).

Aprofundando o tema, Lacé Lopes (2002) realiza uma investigação com apontamentos e declarações de autores como: Inezil Pena Marinho, Jorge Amado, Mestre Acordeon que foi discípulo de Mestre Bimba, Edison Carneiro, Esdras Magalhães dos Santos (Damião) e Angelo Decânio Filho estes dois últimos ex-alunos do mestre. Todos corroboram com inserção de outras lutas para compor a capoeira regional, a qual mestre Bimba apelidou de Luta Regional Baiana.

Nesse ensejo, umas das evidências mais latentes registradas por Lacé Lopes (2002 e 2006) é a explicação contida no livreto que acompanha o primeiro disco “Curso de Capoeira Regional – Mestre Bimba”, onde é possível perceber a explicitamente a existência de outras lutas: “Seu espírito criador fez um aproveitamento da savata, jiu-jitsu, greco-romana e do judô”, frase esta que foi suprimida das edições seguintes do disco.

#### *Presença e possíveis contribuições de outras lutas*

Então, através dessas colocações é possível verificamos a presença das seguintes lutas: judô, jiu-jitsu, catch-as-catch-can (conhecida como catch wrestling ou luta de agarre), boxe, greco-romana e o savate, as quais caracterizam a Capoeira Regional como um “luta estilizada reforçada com movimentos e golpes de várias outras lutas estrangeiras” (LACÉ LOPES, 2006, p.387).

Antes de examinarmos as possíveis contribuições e influências das lutas citadas fazemos uma breve síntese sobre estas. O jiu-jitsu e o judô são lutas que utilizam quimonos e tatames em sua execução, trabalham com o contato corpo a corpo e disputas no solo para autodefesa usando princípios de equilíbrio, centro de gravidade e a força do oponente (FRANCHINI E DORNELLES, 2006; GUIMARÃES, 2006). O jiu-jitsu visa articulações do corpo, alavancas (chaves) e estrangulamentos, submissão e domínio do adversário (GUIMARÃES, 2006). O judô busca derrubar o adversário no chão obrigando-o a colocar os ombros e costas na superfície ou imobilizá-lo tendo domínio completo sob o adversário (FRANCHINI E DORNELLES, 2006).

A greco-romana e o catch-as-catch-can são lutas de combate agarrado a mãos livres que ocorrem em pé ou no solo, e não utilizam qualquer tipo de pano para agarrar o adversário. No catch-as-catch-can, como a própria tradução do termo refere-se, o objetivo é segurar o adversário como puder atacando qualquer parte do corpo para colocá-lo no chão. Após usa-se a habilidade, técnicas de estrangulamento, alavancas, torções e projeções para subjugar-lo. Na greco-romana o intensão é colocar as costas do adversário sobre o solo empregando os membros superiores e realizando ataques da cintura para cima do

oponente, segurar as pernas não vale (GAMA, 2006). Emprega alavancas, torções e desequilíbrio, uma das técnicas mais conhecidas desta luta é um tipo de projeção: o “suplê” (GAMA, 2006).

O boxe ou boxe inglês é uma luta que consiste em golpear o adversário na linha da cintura para cima com os punhos cerrados para nocauteá-lo. Não emprega pernas para deferir golpes e os poucos agarrões denominados por clinch ocorrem por um curto tempo como defesa a uma sequência de golpes do adversário, sendo separados pelo juiz rapidamente (FEITOSA, LEITE E LIMA, 2006). O Savate ou boxe francês é uma luta que usa pés e mãos para derrubar o adversário combinando técnicas de chutes e de boxe inglês, não sendo permitido cotoveladas, joelhadas, cabeçadas e agarrões, atualmente é enquadrado como uma modalidade do kick boxing (VAZ E CUERVO, 2010).

Conduzindo uma linha de análise, entendemos possa haver algum tipo relação com a criação dos golpes de projeção, golpes ligados e da cintura desprezada com o jiu-jitsu, judô, catch-as-catch-can e a greco-romana, lutas que têm como fundamentos comuns o contato agarrado, projeções e/ou o combate no solo. Isto porque, os golpes de projeção como o nome já diz são para arremessos e projeções do capoeira; os golpes ligados são para agarrar fazendo com que o capoeirista saiba livra-se de situações deste tipo; e a cintura desprezada são combinações envolvendo ambos os tipos de golpes, movimentos que não existiam na capoeira angola (CAMPOS, 2009).

Sodré (2002) revela que a cintura desprezada é uma sequência de golpes e balões onde um capoeirista é agarrado e projetado pelo outro devendo cair em pé ou agachado, servia para preparar o capoeirista para se defender de situações de luta agarrada. Campos (2009) esclarece que os balões cinturados estimulam a autoconfiança, responsabilidade, cooperação, agilidade e destreza, visando a ação do cair bem, sem se machucar, sob quaisquer circunstâncias. Por outro lado, as projeções serviram como recurso ao capoeirista em caso de brigas quando estivesse em um curto espaço encurralado, projetando o adversário para longe com técnicas como o como balão de lado, balão cinturado, gravata alta, arqueado, apanhada, crucifixo, dentinho e açoite de braço (CAMPOS, 2009), este último é muito parecido com o ippon seoi nage do judô.

Os golpes ligados, segundo Almeida (1994) eram qualquer tipo de contato ou situação em que o capoeirista era agarrado pelas partes do corpo, visava simular situações e imprevistos em brigas na rua. Ou seja, são golpes com os princípios de pegar e segurar encontrados no jiu-jitsu, greco-romana e no catch-as-catch-can. Assim, o “colar de força” e a “gravata” usados por Mestre Bimba em treinamentos e no exame de admissão; o quebra mão e o quebra pescoço, que são uma torção de mão e um estrangulamento respectivamente, caracterizam estas situações em que o capoeirista deveria resistir para livra-se o mais rápido possível.

Portanto, compreendemos que as lutas agarradas aqui expostas possam ter gerado elementos e inspiração para construção dos movimentos, gestos e sequencias da cintura desprezada, fazendo com que o capoeirista não ficasse em desvantagem para enfrentá-las em combates.

Atualmente é mais difícil encontrarmos os balões e as sequencias da cintura desprezada sendo realizados em rodas. Contudo, é possível observamos o agarrão de uma ou duas das pernas (single e double leg), o uso chamada da esgrima ou raspagem para sair de algum agarrão (técnicas comuns no jiu-jitsu) e a aplicação do sprawl, técnica de defesa do wrestling (termo usado para caracterizar lutas como a greco-romana e catch-as-catch-can) para impedir tentativas de quedas como a baiana ou agarrão de uma das pernas, que consiste em jogar as pernas para trás, aproximando o abdômen do solo e contendo o adversário com o tronco e membros superiores, evitando o ataque as pernas.

Sobre o jiu-jitsu em particular existe ainda uma vertente voltada a prática da capoeira nos ringues que criou uma modalidade hibrida entre a capoeira e o jiu-jitsu envolvendo golpes de ambas as lutas, conhecida como capo-jitsu. No entanto, sua prática não é muito comum, mas é uma tendência que existe no universo contemporâneo (ASSUNÇÃO, 2014).

Seguindo com a análise, Lacé Lopes (2002) cita Jorge Amado em seu livro “Bahia de todos os Santos” publicado em 1945, onde afirma que Mestre Bimba esteve no Rio de Janeiro para “mostrar aos

cariocas da Lapa como é que se joga capoeira”. Nesta ocasião, aprendeu golpes de catch-as-catch-can, jiu-jitsu e boxe, misturou com capoeira angola e ao retornar à cidade começou a falar sobre uma nova capoeira, a regional.

Com tal evidência nota-se explicitamente o boxe, luta praticada com os punhos cerrados para golpear o adversário, que possa ter gerado contribuições a capoeira. Mas como, se a capoeira em tese não emprega golpes com as mãos fechadas? Em tese, porque na regional o golpe asfixiante é uma referência a um soco direto ou murro contra o adversário. O bochecho é feito com as mãos fechadas serve para contra atacar cabeçadas e o godeme atinge o adversário com dorso da mão fechada (ALMEIDA, 1994; CAMPOS, 2009; SODRÉ, 2002). Atualmente existem escolas que ensinam estes mesmos golpes e até socos como recurso em caso de brigas em ruas e “último” a ser usado em rodas.

De outro modo, acreditamos que a haja grande semelhança motora de execução entre os golpes de mão da capoeira e do boxe. Por exemplo, o golpe chamado de escala pode se equiparar ao jab do boxe, ambos são feitos a partir da extensão de braço para frente girando levemente o troco para realizar um golpe rápido no oponente. No entanto, o primeiro é feito com a mão aberta para acertar o rosto do adversário com a região onde está o nervo mediano, parte rígida da mão. Outro movimento que pode seguir a mesma dinâmica é o galopante, golpe que Mestre Bimba utilizou na luta contra Vitor H. U. em 1936. O gesto possui similaridade com o cruzado do boxe, porém, o galopante busca atingir o ouvido com a mão em concha, o que muitas das vezes acaba atingindo o rosto. Já no boxe, o cruzado visa o rosto e a região do maxilar, porém ambos servem para nocautear ou atordoar o oponente.

No contexto do boxe, podemos incluir também as esquivas com o tronco e cabeça, a composição da guarda, mas com as mãos abertas, e o pêndulo, gesto motor usado para esquivar encolhendo a cabeça fazendo o mesmo movimento pendular semelhante ao relógio com o próprio tronco, muito comum nas escolas de capoeira, frequente usado como esquiva de pontapés, golpes de mão e para iniciarem um contra-ataque com quedas.

Em relação ao savate, Rêgo (2015) é um dos primeiros a confirmá-lo como uma das lutas que contribuíram para a capoeira, o pesquisador em entrevista com Mestre Bimba apura este dado. Isto posto, Vaz e Cuervo (2011) realizam a aproximação entre o savate e a capoeira através da interação entre marinheiros franceses nas viagens pelo Atlântico entre 1820 e 1833 aos portos brasileiros; no ensino do savate em escolas católicas do Maranhão e no Colégio Pedro II no Rio de Janeiro por volta da 1859; e nas missões francesas que ministravam instruções militares de ginástica no início do século XX. Por isso, não seria algo incomum a presença do savate em outros estados brasileiros.

Tecnicamente, as imagens iconográficas do final do século XIX com os movimentos de mãos e pés da luta revelam que o savate e a capoeira são muito parecidos (VAZ E CUERVO, 2011). Durante os combates de savate são permitidos chutes atingindo qualquer parte do corpo com as solas, peito ou dorso do pé, que lembram golpes da capoeira como: martelos, pisões, chapas ou esporões, passa pés, ponteiras, chutes rodados parecidos com armadas e pisão rodado. Além disso, o savate possui pontapés que podem contar com o apoio das mãos no chão remetendo similaridades às técnicas da calcanheira ou chapa, martelo de chão, e até o entendimento de golpes parecidos com a meia lua de compasso usando uma ou duas mãos no solo.

Nesse contexto, é possível que Mestre Bimba tenha se inspirado algumas destas técnicas para incluí-las na capoeira, aproveitando os princípios de velocidade e uso de uma base corporal para o deferimento dos golpes, os quais possuem a sistemática de realização do movimento e rápido retorno para guarda, assim como ocorre na capoeira quando um golpe é feito e tende a retornar a base ginga (ALMEIDA, 1994). Como a preocupação era dar maior poder de combate a capoeira, acreditamos também que o savate possa ter tendenciado a aplicação novos pontapés, como também indicado a tendência de atingir qualquer parte do corpo com os chutes. Afinal durante o jogo duro os martelos podem acertar pernas, quadríceps, joelho, linha de cintura, costelas e cabeça.

Por outro lado, o dinamismo em movimentações, combinações e alternância entre golpes de mãos e pés possam ter contribuído à capoeira, porque isto também pode ser visto. Por exemplo, combinações tais como: passa pé e galopante, escalas e martelo, galopante e ponteira; ou finta com corpo, galopante e martelo, todas valem-se da diversificação de golpes deferidos por pés e mãos, podendo ainda agir no sentido contrário de mãos e pés.

Além das possíveis contribuições técnicas, para Pol Briand (2009) o savate pode ter dado contribuições em nomenclaturas, pois o autor afirma que os termos *aú* e *rolê*, tão conhecidos pelos capoeiristas são derivações do idioma francês produzidos durante as missões militares francesas no Brasil, apontamento que não encontramos em outras referências.

Até então analisamos como as outras lutas poderiam ter contribuído, influenciado ou reverberado técnicas à capoeira. Todavia, a questão interessante a ser refletida seria o porquê? Nesse sentido, para Assunção (2014) uma das prováveis das razões para a inserção dessas lutas é porque Mestre Bimba e discípulos empregaram a capoeira nos ringues em exibições e lutas de vale tudo entre as décadas de 1930 e 1940, a fim de confirmar a eficiência da capoeira como luta. Por isso, estando no ringue era necessário seguir as regras, logicamente adaptar seu estilo a disputa através da análise e incorporação de técnicas de outras lutas usadas pelo oponente para se defender ou obter vantagem seria algo válido.

Outro motivo detectado está no conhecimento e domínio de Mestre Bimba em fundamentos de outras lutas, os quais serviram como base para inserção de novos golpes e movimentos à capoeira (LACÉ LOPES, 2002). Lacé Lopes (2002) revela ainda que na criação da capoeira regional houve grande colaboração do discípulo Cisnando Lima, “o primeiro aluno branco da classe alta de Salvador”, militar cearense, conhecedor de jiu-jitsu, box e greco-romana. Cisnando, segundo relatos apurados pelo autor, carregava e fazia leituras do livro “Ginástica Nacional (Capoeiragem) Metodizada e Regrada”, de Annibal Burlamaqui, o Mestre Zuma de 1928, considerada uma das primeiras publicações metodológicas sobre capoeira, o qual indicava influências para uma esportivização, regras para luta, qualificava a capoeira como ginástica, recomendando inclusive treinos de boxe, esgrima e jiu-jitsu (LACÉ LOPES, 2002).

Portanto, corroboramos com Decânio Filho (1996), criou-se a melhor demonstração de mestiçagem entre a tradição africana com costumes brasileiros a partir do encontro de um acadêmico cearense descendente de portugueses, com um desdente de africano semianalfabeto rico de conhecimentos práticos, os quais em nosso entendimento podem ser vistos espalhados pelas escolas de capoeira nos dias de hoje.

## CONCLUSÃO

Entendemos que no ato de criar fatores como: inovação, estudos, análises, necessidades, tentativas e erros sejam comuns, porém, sem estes partir rumo ao ineditismo seria algo improvável. Controvérsias à parte sobre as possíveis contribuições de outras lutas à capoeira, não seria demérito algum confirmar esta premissa. Muito pelo contrário, seria algo enriquecedor e ampliaria o valor da criação da regional, que é indiscutivelmente um dos responsáveis por conduzir, modernizar e conduzi a capoeira através dos tempos reverberando novos discípulos, escolas e estilos.

Portanto, misturar movimentos de outras lutas não pode ser considerado algo ruim ou fora da tradição, mas sim, algo diferente, oportuno e inovador. Afinal, é possível encontrar na prática da capoeira novas maneiras de jogar, técnicas ou toques de berimbau, que não são contestados ou que não geram o mesmo tipo de polêmica.

## REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA, Raimundo Cesar Alves. **A saga do mestre Bimba**. Salvador, 1994
2. ASSUNÇÃO, M. R. Ringue ou academia? A emergência dos estilos modernos da capoeira e seu contexto global. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, vol. 21, n.1, Rio de Janeiro, jan/mar 2014.
3. CARNEIRO, E. **Folgedos tradicionais**. 2ª ed. Rio de Janeiro: FUNARTE/INF, 1982.
4. CAMPOS, H. **Capoeira Regional: a escola de Mestre Bimba**. EDUFBA, 2009.
5. DECÂNIO FILHO, Angelo A. **A herança de mestre Bimba**. Salvador, 1996.
6. FRANCHINI, E.; DORNELES, A.G. **Judô**. In: Da COSTA, L.P.; MIRAGUAYA, A. Atlas do esporte no Brasil. Rio de Janeiro: Confef, 2006.
7. FEITOSA, M; LEITE, N.; LIMA. **Boxe**. In: DACOSTA, L.; MIRAGAYA, A. (Org.). Atlas do Esporte no Brasil. Rio de Janeiro: Confef, 2006.
8. GAMA, D. **Luta Olímpica**. In: DACOSTA, L.; MIRAGAYA, A. (Org.). Atlas do Esporte no Brasil. Rio de Janeiro: Confef, 2006.
9. GUIMARÃES, F. de M. **Brazilian jiu-jitsu-BJJ**. In: DACOSTA, L.; MIRAGAYA, A. (Org.). Atlas do Esporte no Brasil. Rio de Janeiro: Confef, 2006.
10. IPHAN. **Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil**. Brasília, DF, 2007.
11. LACÉ LOPES, A. L. **A capoeiragem no Rio de Janeiro: primeiro ensaio – Sinhozinho e Rudolf Hermann**. Rio de Janeiro: Europa, 2002.
12. LACÉ LOPES, A. **Capoeiragem**. In: DACOSTA, L.; MIRAGAYA, A. (Org.). Atlas do Esporte no Brasil. Rio de Janeiro: Confef, 2006.
13. MANSA, C. F. P.; ASSUNÇÃO, M. R. Da senzala à academia: a diversificação da capoeira. **Ciência Hoje**. Novembro, 2015.
14. MOURA, J. **Mestre Bimba: uma vida consagrada a capoeiragem**. Bahia: Editora JM, 2016.
15. POL BRIAND. **La danse de Joinville Le Pont – Polícia Militar – São Paulo**. Sala de pesquisa de capoeira, 2009.
16. RÊGO. W. **Capoeira angola: ensaio etnográfico**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: MC&G, 2015.
17. REIS, L. V. de S. **O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil**. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.

18. SÁ-SILVA, J. R; ALMEIDA, C. D. de; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. Ano I - Número I - Julho de 2009.
19. SOARES, C. E. L. **A negregada instituição: os capoeira na corte imperial 1850-1890**. Rio de Janeiro: Access, 1999.
20. SODRÉ, M. **Mestre Bimba: corpo de mandinga**. Rio de Janeiro: Manati, 2002.
21. VAZ, L.G.D. **Crônica - a capoeiragem: algumas considerações**. Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, (texto inédito), 2010.